

Neste artigo, da série de previsões sobre o futuro de nossa economia, Mário Garnero, presidente do Brasilinvest, fala das perspectivas de novos investimentos estrangeiros, no próximo ano.

## Um problema: conseguir mais dólares.

A avaliação das perspectivas dos investimentos externos em 82 requer uma pré-condição: saber como reagirão as economias dos países industrializados, em especial a dos Estados Unidos, no próximo ano. A julgar pelo balanço de 81, as dificuldades prosseguirão e poderão afetar a capacidade de investimento do Clube dos Ricos. Fica, assim, a possibilidade de o fluxo de recursos do Exterior para aplicações de risco não representar grandes avanços, devendo manter o nível atual, de 1,5 bilhão de dólares.

Esta seria uma visão fria da questão. Fria e teórica, já que, em se tratando do Brasil, a futurologia não ostenta uma boa carteira de palpites. Tão importante, a meu ver, quanto o desempenho das economias dos países investidores, será o comportamento da economia brasileira, principalmente no tocante ao item inflação.

Foi a inflação — e continuará sendo enquanto permanecer muito elevada —, o fator de maior influência na redução dos investimentos estrangeiros. A comprovação disso pude sentir, mais de uma vez, nos contatos mantidos, aqui e no Exterior, com dirigentes industriais e financistas. Lembro-me, em particular, de uma viagem de 25 dias, realizada no primeiro semestre de 81. Recolhi um quase consenso nas razões da retração.

### O problema político

Além dos riscos normais do investimento, a inflação ressuscita outro fantasma incompatível com uma economia sadia: a questão social e, por decorrência, o problema político.

Outro motivo do relativo desânimo era o controle de preços, exercido pelo CIP e cujo descompasso entre 1979 e 1980 acarretou uma brutal descapitalização das empresas. Quando o ministro Delfim Neto promoveu (acertadamente, entendo assim) a guinada de liberalização da economia, estava anulando dois males ao mesmo tempo: desafogando as empresas; que em 80 promoveram uma autêntica queima de mercadorias, e iniciando a manobra correta para baixar a inflação, a curto e médio prazo. De quebra, deu um alento aos investimentos externos.

Nas projeções para 82, deve-se levar em conta também o fator político. No próximo ano teremos eleições e, como diria o mineiro, eleições são sempre eleições: até abrirem as urnas, ninguém ganhou ou perdeu. E a contagem de votos, por sua vez, também determina (ou oferece sólidos indícios, no mínimo) o desdobramento da situação, inclusive a econômica. Não tenho procuração para falar por eles, mas é inegável que o próximo pleito vai merecer uma atenciosa análise da parte dos investidores estrangeiros — mais do lado privado (de governo a governo as relações não se abalam).



investimentos externos. De qualquer maneira, mantenho-me otimista e acredito que no próximo ano não se registrará nenhuma catástrofe nessa matéria. As oportunidades do mercado brasileiro são muito grandes, e uma política econômica coerente servirá como estimuladora do dinheiro de fora. Se alguns setores já apresentam sinais de esgotamento, outros ramos industriais, de serviços e agrícolas dispõem de fôlego suficiente, tanto para o mercado interno como para a área de exportações.

Se se pensar, por exemplo, em atrair investimentos para o ramo

automotivo (excetuada a hipótese de objetivos de exportação), seria um exercício de ingenuidade. Da mesma forma, para a área de bens de capital (excetuada a hipótese de substituição de importações ou de uma formidável inovação tecnológica). Mas a reestruturação do quadro industrial é do perfil do consumo que se está verificando abre caminho para novos investimentos.

Temos ainda a considerar, como pólos de atração de investimento, o programa energético alternativo, possibilitando associações em que o capital brasileiro controle o empreendimento, e o Projeto Carajás. Aliás, é necessário abandonar essa cruzada contra Carajás, a que classificam como miríade. Dizer e reconhecer que é um empreendimento gigantesco, de maturação demorada — tudo bem. Mas apontá-lo como fantasia e outras coisas do gênero, parece-nos ignorar as potencialidades palpáveis da região.

Na verdade, Carajás se apresenta como a oportunidade de voltarmos a aplicar mais intensivamente o modelo tripartite de empreendimentos, como se fez no setor petroquímico. Nesse sentido é vital que apoiemos o capital nacional, dando-lhe o controle dos projetos, mas sem hostilizar os capitais externos, cuja colaboração facilitará a implantação dos projetos previstos para aquela província mineral de potencial ainda não de todo delineado.

Sem querer fixar comparações, desde a experiência recente de Mitterrand que o espetáculo das eleições passou a atrair mais espectadores dos círculos econômicos internacionais. Até já existe uma espécie de *bureau* político em grandes corporações com interesses ultramarinos. E por que o Brasil constituiria a exceção?

### Os grandes investimentos

Como se vê, há fatores ponderáveis e mensuráveis e pontos incertos na avaliação do futuro dos